

Aprendendo a amar os seus limites¹

Nossas vidas sobrecarregadas são muitas vezes um problema de teologia, não de gerenciamento de tempo.

Entrevista por Erin Straza (13 de dezembro de 2021)

Ser humano pode ser muito frustrante. Estamos sempre com muitas demandas, mas com pouco tempo e energia. E assim redobramos nossos esforços, buscando o truque mágico de gerenciamento de tempo que nos permitirá colocar mais vida em nossas horas de vigília para que possamos viver a vida da forma mais eficiente e produtiva possível.

*No entanto, mesmo quando nos esforçamos contra nossos limites naturais, em última análise, eles não podem (e não devem) ser superados, porque Deus os projetou para o nosso bem. Essa é a premissa subjacente ao último livro da teóloga do Covenant College Kelly M. Kapic, *You're Only Human: How Your Limits Reflect God's Design and Why That's Good News*². A co-apresentadora do podcast Persuasion, Erin Straza, conversou com Kapic sobre a beleza de nossos limites humanos e a liberdade que vem quando aprendemos a abraçar o projeto de Deus para uma vida significativa.*

A maioria das pessoas vive com uma sensação incômoda de que não está atendendo às expectativas ou cumprindo obrigações. No entanto, você propõe que Deus nos fez propositalmente para viver dentro de certos limites. Por que existe uma lacuna tão grande entre nossa compreensão sobre como Deus nos projetou e as expectativas que temos para nós mesmos?

Há algumas décadas tenho tido a convicção de que os cristãos, particularmente no meio evangélico, têm uma doutrina da criação subdesenvolvida. Falamos sobre a criação, mas normalmente isso se reduz a falar sobre quando e como Deus fez a terra. Mas estamos perdendo ideias-chave, como a realidade de que Deus nos fez como *criaturas*. E a parte *boa* de ser uma criatura é que fomos feitos para sermos dependentes de Deus e, por nosso próprio projeto, também dependentes de outras pessoas e da terra.

A realidade de nossa crença na criação de Deus é encontrada em nossa (incorreta) compreensão muito não-criatural de suas expectativas de nós. A dependência vai contra muitos dos nossos instintos. Basta pensar em como usamos a linguagem da dependência em nossa cultura. Geralmente é negativa. É uma das razões pelas quais lutamos com comunidade. É uma das razões pelas quais vemos uns aos outros de maneira competitiva.

Muitas vezes o que nos falta é o bom da dependência. Precisamos cultivar uma consciência de como nossa dependência e nossas necessidades abrem caminhos para o amor. Como você ama quando não depende de outra pessoa? Muitos de nós fomos criados em uma cultura onde essa percepção de dependência de outro nos deixa muito assustados, o que nos faz querer nos afastar. Mas uma teologia adequada da interdependência permite o florescimento; permite que o amor cresça.

Nosso mercado moderno está repleto de uma oferta inacreditável de soluções, dispositivos e práticas para dominar nossas vidas diárias e fazer mais em menos tempo. Se aceitarmos que somos criaturas com limites, que não podem fazer tudo o que precisa ser feito, isso não levará

1 Entrevista publicada em inglês como "Learning to Love Your Limits" em www.christianitytoday.com, 13.12.2021. Tradução para o português: Karl Heinz Kienitz.

2 Kelly M. Kapic, *You're Only Human: How Your Limits Reflect God's Design and Why That's Good News*, Brazos Press, 2022. (Você é somente humano: como nossos limites refletem o projeto de Deus e porque isto é uma boa notícia.)

à apatia ou à preguiça?

Muitas vezes, aqueles que lutam com o excesso de tarefas se descrevem como devagares ou preguiçosos apenas porque assistiram Netflix por quatro ou cinco horas. Mas acho que estamos culpando um sintoma ao invés da realidade por detrás dele. As pessoas estão olhando para o Facebook e assistindo Netflix sem parar por causa de um problema mais profundo: estabelecemos expectativas irreais, e então elas nos cansam e não conseguimos honrá-las.

Este é um problema teológico, não um problema de gestão do tempo. E se parássemos de pensar na vida como tarefas e começássemos a pensar nela como relacionamentos? Quando somos tão focados em tarefas, é muito difícil apreciar o amor, porque o amor é incrivelmente ineficiente – e amamos a eficiência. Fazer da eficiência nosso maior valor é muitas vezes desumanizador. Sempre nos preocupamos em fazer máquinas parecer com humanos, mas também fizemos humanos ser como máquinas.

Nos capítulos 3 e 4, você chama nossa atenção para a experiência humana incorporada. Além de nossos limites físicos muito reais e do processo natural de envelhecimento, também devemos lidar com as imagens impossíveis que a sociedade defende como belas e dignas. Como podemos aprender a abraçar a verdadeira humanidade física e nos conectar com os outros apesar de nossas imperfeições?

Vivemos em uma época em que atentamos constantemente para as telas. Estamos vivendo neste espaço digital, o que torna difícil chegar a um acordo com nossos corpos reais. É útil, à luz dessa dificuldade, considerar a plena humanidade de Jesus. Você e eu devemos nos sentir confortáveis com nossos corpos porque Deus entrou no útero e Jesus nasceu de Maria – e é um nascimento real com placenta e tudo mais! E houve uma verdadeira ressurreição física e corpórea para Jesus também. Tudo isso molda como pensamos sobre nossos próprios corpos.

Uma consequência de habitar o hiperespaço ao invés da vida real é que isto gradualmente nos desumaniza. O que significa ver uns aos outros, e a nós mesmos, da maneira como Deus nos vê? Lembro-me de um artista que fazia retratos dizendo: “Nunca vi um rosto que não fosse bonito”. Quando você olha no rosto de alguém e ouve a história dessa pessoa, nunca é apenas um rosto. É uma boa criatura amorosamente criada por Deus. À medida que olhamos mais profundamente nos olhos uns dos outros, em vez dessas pseudoimagens, ficamos mais à vontade com a fisicalidade que Deus ama. Uma das minhas maiores esperanças para os leitores é que eles vejam uma conexão mais próxima entre criação e redenção: entre o Deus que amou o que fez, e o Deus que nos refaz à imagem de seu Filho.

Livros de auto-ajuda estão na moda. Parecemos obcecados em nos tornarmos algo melhor e superar nossas falhas humanas. Da mesma forma, os cristãos estão frustrados com seus fracassos e querem acelerar sua jornada em direção à santidade. Como podemos aprender a abraçar o ritmo sem pressa de Deus em nossa formação espiritual?

Primeiro, olhe para o processo de criação. Quer tenha envolvido seis bilhões de anos ou seis dias literais, Deus tomou seu tempo, por seu Espírito, para trazer ordem através de crescimento desenvolvimental. Deus, ao que parece, está bastante confortável com esse processo. Ele não está em pânico com ele.

Agora, olhe para o nosso próprio crescimento. Quando você e eu tínhamos três anos, não éramos o que somos agora, e nossos pais não esperavam que fôssemos. Como adultos, é claro, estamos em um lugar diferente, cognitivamente ou não, e, portanto, há expectativas diferentes. Bons pais conhecem seus filhos bem o suficiente para não subir demais o sarrafo, qualquer que seja seu estágio de desenvolvimento. Da mesma forma, quando éramos mais jovens, Deus não esperava que fôssemos o que somos agora. Ele ainda está tomando seu tempo, por seu Espírito, para trazer ordem através de crescimento desenvolvimental. Então, como cristãos, embora sejamos imediatamente santos (porque somos capturados pelo Espírito), também estamos crescendo em santificação ao mesmo tempo (e pelo mesmo Espírito).

Em todas as coisas, podemos ter certeza de que Deus está trabalhando em sua cadência. Minha esperança é que possamos ficar mais à vontade com o Espírito da criação, que é o Espírito de santificação, reconhecendo que a maneira como o Espírito trabalha nas Escrituras é muitas vezes através de processos.

Como a compreensão da doutrina da finitude humana nos permite viver uma vida comunal robusta e satisfatória?

Na vida da igreja, como em alguns negócios, 15 a 20 por cento das pessoas frequentemente fazem quase todo o trabalho. Muitas pessoas estavam se sentindo ocupadas por causa da igreja e outras coisas, quando o COVID-19 deu a todos uma pausa – e agora estão com medo de voltar. Outras pessoas perceberam que não conheciam ninguém na igreja; sem relacionamentos significativos, tudo parece vazio. Pessoas se desligaram. Alguns talvez nunca mais voltem.

Mas é preciso que toda a igreja seja o único corpo de Cristo. Em Mateus 25, quando Jesus está falando sobre as ovelhas e os cabritos, ele está falando sobre visitar o prisioneiro, ajudar os marginalizados e assim por diante. Mas isso não significa que você é chamado a fazer todas essas coisas pessoalmente ou sozinho. Minha esperança, à medida que as pessoas voltam do COVID-19, é que elas se reconectem à igreja, onde juntos nos alegamos com nossos diferentes dons e dependemos uns dos outros para o que precisamos.

Como podemos começar a abraçar nossos limites humanos, ainda hoje?

A primeira maneira soa tão espiritual, mas eu realmente quero dizer isso: pela oração. Parte do reconhecimento dos nossos limites é se sentir confortável no espaço de Deus e crescer na dependência dele. Às vezes, acho que estamos morrendo de medo de orar, porque se realmente tomamos o tempo para nos aquietar, podemos começar a temer que Deus não esteja lá ou nos perguntar se ele está apático ou apenas com muita raiva. Somente em oração descobriremos quão compassivamente Deus nos vê.

A segunda maneira está relacionada com a primeira: cultivando o dom de encorajar e celebrar os outros. É uma disciplina espiritual, uma maneira saudável de morrer para si mesmo e encorajar os outros. Estamos todos loucos para que alguém preste atenção e perceba nossa presença e nosso ser. Quando alguém articula isso, é uma mudança de vida.